

» ENTREVISTA | NELSON DE SOUZA | PRESIDENTE DO BANCO DE BRASÍLIA

Gestor afirma que “o que tiver que fazer, seja do ponto de vista criminal, econômico, de governança ou bancário, está sendo feito”. Dirigente detalhou uma série de medidas para recuperar a instituição e se disse otimista para a audiência de amanhã, no STF

“A gestão do BRB é técnica”

» ANA CAROLINA ALVES

O presidente do Banco de Brasília (BRB), Nelson Antônio de Souza, destacou, durante o CB.Poder — parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília —, as medidas que vêm sendo tomadas para a recuperação da instituição. As jornalistas Sibeles Negromonte e Samanta Sallum, o dirigente do banco ressaltou o otimismo para a audiência de conciliação, prevista para amanhã, no Supremo Tribunal Federal (STF), sobre a liberação do empréstimo de R\$ 6,6 bilhões junto ao Fundo Garantidor de Créditos (FGC) para a capitalização do banco.

Quais medidas estão sendo tomadas para a recuperação do BRB?

Nós temos procurado, primeiro, estabilizar o banco de maneira econômica, uma vez que essa instituição financeira é um orgulho para a população de Brasília. Do ponto de vista da economia, mantivemos sempre a liquidez e buscamos a capitalização do banco, que deverá ser efetivada nesta quinta-feira (amanhã) com a reunião no Supremo. Do ponto de vista de medidas prudenciais de governança, mudamos toda a diretoria, mudamos conselho, e (fizemos) auditorias independentes e forense, fomos verificar quem deu causa a tudo isso que aconteceu no banco. Encaminhamos esses achados para a Polícia Federal, para o Ministério Público, e, agora, estamos com a Assembleia Geral Extraordinária aberta, com data para 24 de agosto, quando buscaremos autorização do Conselho da Assembleia para responsabilização civil de todos os dirigentes que deram causa a esse problema do BRB. Além disso, 25 PADs, processos administrativos, de empregados foram abertos.

Qual a sua expectativa para a audiência no STF?

É a melhor possível. Temos uma proposta na mesa que tem origem pelo ministro da Fazenda, Dario Durigan, que fez um arranjo financeiro, no qual há um empréstimo do FGC, o Fundo Garantidor de Crédito, para o GDF, com uma garantia dos grandes bancos brasileiros, o S1, e contragarantia do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e dos estados (FPE) do GDF. Outra opção é um empréstimo direto do FGC para o GDF, com a garantia dos fundos de participação, sem passar pelos bancos grandes. Uma terceira (opção) que tenho acompanhado é que o GDF passou agora para a Capacidade de Pagamento (Capag) A, em julho, que, de repente, pode tratar de um aval soberano. Mas vejo com muito

otimismo que sairemos dessa audiência com a definição da contratação desse empréstimo de R\$ 6,6 bilhões, que é o início da capitalização do banco.

Existem outras medidas para a capitalização?

Temos à securitização da dívida do GDF, que fizemos a primeira tranche (parcela) de R\$ 1,05 bilhão. Uma segunda tranche está em andamento, de R\$ 1,2 bilhão. Somados aos R\$ 6,6 bilhões, dá quase R\$ 8,8 bilhões. Temos os imóveis que a Câmara Legislativa do DF aprovou, que podem virar um fundo de investimento imobiliário. E temos recebido muitos investidores nacionais e internacionais, que se interessam em aportar recursos no BRB. Além de cada ativo que estamos vendendo, da carteira do Master, vem compor liquidez do banco e melhorar o nosso capital.

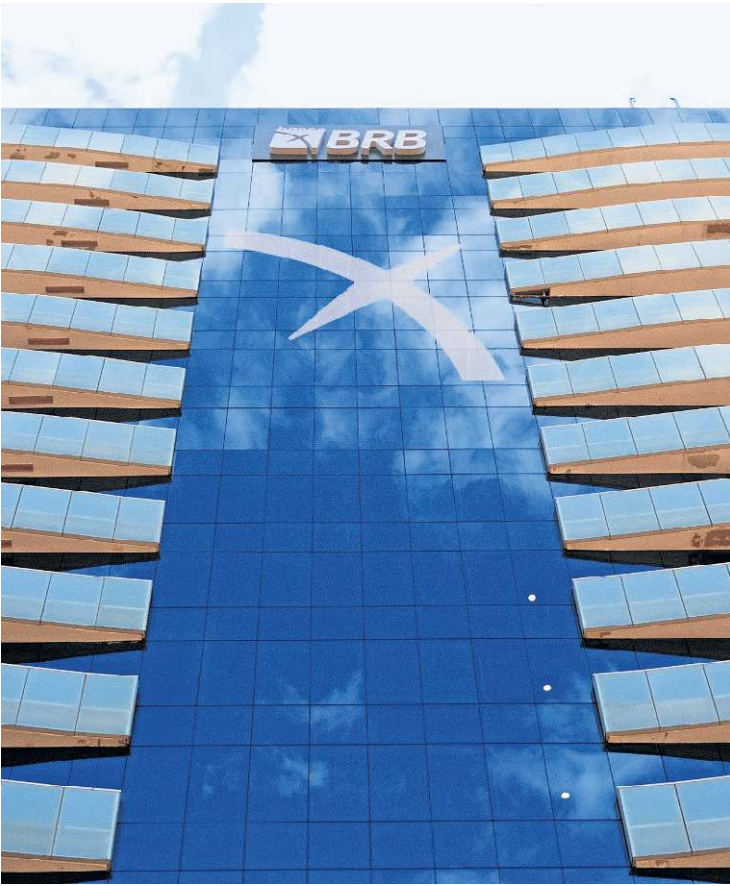
Qual a previsão para a publicação do balanço?

O balanço será publicado após a capitalização. A capitalização começa quando se der a contratação desse empréstimo de R\$ 6,6 bilhões. Por isso que é tão importante essa capitalização, mas não é só ela, tem muitas coisas que somam-se a isso, como a própria recuperação dos ativos do Master que estamos recebendo. Temos proposta para mais de 10 ativos que hoje constam nessa carteira do Master, mas é fundamental essa capitalização e não tem nada a ver com as eleições. Quero deixar bem claro, a gestão do BRB é uma gestão técnica. E o que tiver que fazer, seja do ponto de vista criminal, econômico, de governança ou bancário, está sendo feito. Não estamos abrindo mão de fazer o que tem que ser feito. O Banco Central sabe do balanço de 2025, nós podemos submeter (o balanço) para fazer o empréstimo, por exemplo, para o FGC, que por sinal tem uma boa relação conosco. Nós subimos para o FGC toda a

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Divulgação/BRB



O BRB aguarda os trâmites para o empréstimo de R\$ 6,6 bilhões do FGC

documentação do plano de capital e o plano de negócio, que no nosso entendimento, são recursos suficientes para poder deliberar o empréstimo que não é para o BRB, o empréstimo é para o GDF.

O GDF tem condições de pagar o empréstimo?

O balanço do GDF é público. Temos um dos menores endividamentos do Brasil. A princípio, o empréstimo é do FGC para o GDF, que é o controlador principal do BRB. Quem vai pagar essas prestações do empréstimo é o GDF (acionista majoritário). No decorrer do tempo, o próprio BRB, o plano de negócio que temos de 10 anos, vai gerar dividendos, com os quais essa dívida vai ser paga. Essa é uma das maneiras. Outra maneira, a partir do momento que

o GDF aportar capital e ele tiver 80% ou 90% das ações, ele pode vender uma parte desses papéis para investidores nacionais ou internacionais e amortizar a dívida ou pagar a dívida toda. O BRB é um banco sólido, temos reuniões diárias com o Banco Central e o maior cuidado é com os correntistas e com os estados que estão conosco. Uma coisa que nos preocupa muito são os cinco Tribunais de Justiça que têm R\$ 30 bilhões conosco. Esse é um tesouro para nós e que cuidamos. Por exemplo, cortamos em 70% a verba de patrocínio e publicidade. Tinha publicidade em festival de vela em Dubai, nós cortamos. Tiramos a Arena BRB, porque não temos condição, temos que ser austeros, não podemos gastar o que não temos.

E o patrocínio ao Flamengo, como ficou?

Foi feito um novo arranjo em relação ao Flamengo, que é o único que continua, mas não é patrocinador. Nós mudamos para um modelo chamado profit sharing, que é um rateio de resultados. Criamos um banco digital, o Nação BRB Fla, onde o BRB tem 53% e o Flamengo tem 47%. Após o fim do exercício, fazemos o rateio do resultado. É um banco múltiplo, que tem o seu cartão próprio, pode vender seguro, faz empréstimo, faz tudo. É o único banco digital com agência física no Brasil, no Rio de Janeiro, e queremos abrir uma agência em cada capital brasileira, a segunda será em Brasília. É uma plataforma separada do BRB, estamos desvinculando totalmente. E se o BRB prestar algum serviço para esse banco, esse banco paga e vice-versa. O nosso plano de negócios de 10 anos é tornar esse banco o maior banco digital da América Latina. O que antes era um grande problema no BRB, vimos como uma grande solução.

O BRB segue com os financiamentos sociais no GDF?

Na realidade, nós continuamos com todas as nossas operações ativas e operações passivas. Seja a originação de crédito, o crédito pessoal, o crédito para microempresa, o microcrédito, o habitacional, que é tão importante aqui em Brasília. Ao mesmo tempo, estamos captando em LCI, LCA, CDBs, fundos, todas as operações, chamamos de operações passivas. Além disso tudo, que é característica de banco múltiplo, estamos fazendo nossa função de banco de desenvolvimento, operacionalizando todos os programas sociais do governo, e diria com muita competência, e ampliando, inclusive, alguns programas. Uma das coisas que queremos, e estamos incentivando e vamos fazer cada vez mais, é o microcrédito. Queremos que o microcrédito chegue o mais próximo das pessoas que precisam. Esse



O BRB é um banco sólido, temos reuniões diárias com o Banco Central e o maior cuidado é com os correntistas e com os estados que estão conosco"

tipo de coisa é importantíssimo para o microempreendedor individual. Na atual gestão, priorizamos Brasília e o Entorno.

Como o senhor vê o ressarcimento do dinheiro desviado e a punição dos dirigentes e servidores?

O primeiro ato que tivemos foi aprovar a auditoria independente forense, da Machado Meyer e a Kroll, para fazer todas as investigações do que aconteceu dentro do BRB. Mandamos os achados para a Polícia Federal, para o Banco Central, para o CVM, para o Ministério Público, em que lá ficou configurado quais crimes aconteceram. Temos praticamente conversas diárias com a Polícia Federal e com o Banco Central e quem fez isso com o BRB, com certeza terão as consequências, porque essa diretoria não comunga de jeito nenhum com quem fez errado e posso dizer, não tem sido fácil para a gente equilibrar o BRB. Foi devastador. Não é fácil ter um ativo de R\$ 21,9 bilhões e ter que fazer um aporte de capital de R\$ 8,8 bilhões. São números astronômicos, que chamam a atenção. Por isso que agradeço todos os que participaram da audiência de quinta-feira (amanhã), porque eu participei de duas reuniões lá, sob a coordenação do ministro Fux, e vi que todos que estão lá querem resolver e querem o melhor do BRB.



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Os grandes homens

Com algumas décadas de atraso, assisti ao excelente documentário *Três Antonios e um Jobim*, de Rodolfo Brandão. O filme resulta de um simples encontro de quatro grandes brasileiros em uma mesa: Antonio Candido, Antonio Callado, Antonio Houaiss e Antonio Carlos Jobim. Eles

falam um pouco de tudo: amor, mulheres, política, educação, Brasília.

É uma conversa pra lá de Marrakesh, mas rica em intuições, reflexões e sabedoria. Terminam em uma mesa batucando o samba Com que roupa eu vou, de Noel Rosa, sob a regência do maestro Tom Jobim.

Vale a pena ver o documentário inteiro, mas fiquei particularmente tocado por um comentário de Antonio Candido sobre as utopias: “Tenho a impressão de que a era das utopias se encerrou. Hoje, nós não temos mais os grandes homens. São as utopias que criam os grandes homens. Elas nos ajudam a ser melhores do que somos”.

Em face da solidão e do deserto de grandes homens, Antonio Candido indaga: “Como viver sem utopias?”. Realmente, é uma questão dramática. Mas, antes de tudo, quem seriam os grandes homens? Os homens animados por ideais, projetos ou sonhos coletivos. As pessoas imbuídas dos valores da generosidade, do desprendimento, da retidão moral, da solidariedade, da justiça, da compaixão e do humanismo.

A ausência de grandes homens é especialmente dramática em momentos cruciais. É triste nos depararmos com seres liliputianos, menores, minúsculos, movidos

pelos mais baixos interesses, quando temos muitas urgências coletivas. As redes sociais transformaram a escolha das excelências em um concurso de bizarrarias e não em uma disputa de ideias.

Para além da política, o cenário também não é alentador. Com o culto ao narcisismo, ao hedonismo, à tecnologia e ao eu mínimo, a sociedade pós-moderna não favorece o florescimento de seres nobres. Com todas as contradições e equívocos, a década de 1960 talvez tenha sido o último período de utopia.

Aquele turbilhão forjou personagens brilhantes. Eu me sentia humilhado

pela inteligência, a ilustração e as chispas da geração anterior à minha, a geração de Glauber Rocha, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Darcy Ribeiro, Betinho, Clarice Lispector e Henfil, entre outros. E, ao mesmo tempo, me sentia provocado por referências tão altas.

É por isso que Antonio Candido propôs a questão dramática e irrespondível: “Como viver sem utopias?”. Não se trata apenas de nostalgia. Sim, as utopias, os ideais, a vida heroica, os sonhos coletivos e o desejo de transcendência nos ajudam a ser melhores do que somos.